

## A GUERRA NO DESERTO – EUA

### Por Reinaldo V. Theodoro

Embora a Alemanha declarasse guerra aos EUA a 11/12/41, somente a 08/11/42 ocorreu a primeira participação importante das forças terrestres americanas contra as forças do Eixo europeu. Nesse dia, foi desencadeada a "Operação Torch" ("Tocha"), a invasão da costa ocidental da África do Norte. Esta região, nominalmente o Marrocos e a Argélia, era então colônias francesas e eram guarnecidas por cerca de 100.000 soldados franceses leais ao governo de Vichy, pró-alemães. Apesar de esforços diplomáticos e o emprego de forças americanas nas primeiras ondas de assalto (já que era sabido o ressentimento dos franceses contra os britânicos), a operação acabou tendo forte reação francesa, resultando em sérios combates em terra, mar e ar. Isso beneficiou somente aos alemães, que ganharam tempo para ocupar a Tunísia e assim estabelecer uma cabeça-de-ponte no continente africano, juntamente com os remanescentes do *Afrika Korps*, então em retirada de El Alamein. Superada a oposição francesa, as forças americanas logo se viram empenhadas em combate com os veteranos alemães na Tunísia, sofrendo desastrosas derrotas em função de sua inexperiência e inadequação de seu equipamento, em particular o Tanque Médio M3 "Lee". A 1ª Divisão Blindada americana, que desembarcou em Oran, participou da "Corrida para Túnis", sofrendo pesadas baixas em Djederda. Mas o maior golpe se deu a 18/02/43, na Batalha do Passo de Kasserine, onde ocorreu um verdadeiro desastre para as forças blindadas americanas. Porém, a situação do Eixo na África era sem esperança e a divisão, agora reequipada com o M4, participou da destruição da cabeça-de-ponte ítalo-germânica.

**Blindados:** Os americanos discordavam da filosofia britânica de dividir os blindados em "cruzadores" e "de infantaria". A mentalidade americana considerava o tanque uma arma autônoma, que devia ser capaz de cumprir as duas funções, dependendo das circunstâncias (conceito até hoje válido e que se materializa no chamado "Main Battle Tank" (MBT), ou "Tanque de Batalha Principal"). Apesar disso, os americanos entraram em combate usando seus tanques leves em todas as funções, com resultados bastante negativos. Ainda iria demorar um pouco para eles aprenderem o que os ingleses já sabiam: os "Stuarts" tinham poucas chances de sobreviver no campo de batalha dominado por canhões anti-tanques de 75 mm e tanques armados com canhões de mesmo calibre. Curiosamente, a mentalidade americana

considerava que a missão de combater blindados inimigos não era dos seus tanques, mas sim de uma arma específica para a tarefa, o *Tank Destroyer* ("Destruidor de Tanques"), dotado de um potente canhão anti-tanque mas com uma blindagem mais leve.

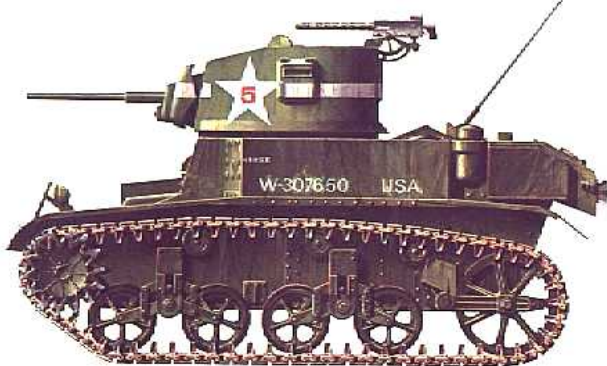
A 1ª Divisão Blindada americana foi criada a 15/07/40, contando com uma brigada blindada com um regimento "médio" e dois "leves" (totalizando 368 tanques), 1 regimento de infantaria, 1 regimento de artilharia, 1 batalhão de reconhecimento (da cavalaria mecanizada) e 1 batalhão de engenharia, todos blindados. Posteriormente, a 01/03/42, o regimento de artilharia foi abolido, mantendo-se os batalhões de artilharia autopropulsada (equipados com M7). A brigada blindada foi extinta, mantendo-se dois regimentos blindados (no caso específico da 1ª Divisão Blindada, ela contava com os 1º e 13º Regimentos Blindados), cada um com 2 batalhões médios e 1 leve. Em abril de 1942, a divisão embarcou para a Irlanda equipada com o M3 "Lee", com os quais participaria da invasão da África do Norte.

No início de 1942, a 2ª Divisão Blindada foi reequipada com os novos tanques M5 "Stuart" e M4 "Sherman". Assim, quando as divisões blindadas americanas embarcaram para a "Operação Torch", a 1ª continuava equipada principalmente com o M3 "Lee", enquanto a 2ª tinha os novos M4. Como a 1ª desembarcou mais a Leste, coube a ela avançar para a Tunísia, onde os seus tanques obsoletos tiveram que enfrentar os tanques alemães, enquanto a melhor equipada 2ª Blindada ficava parada na fronteira com o Marrocos Espanhol, como força de dissuasão.

Os americanos também defendiam o emprego de batalhões blindados independentes, destinados a apoiar as divisões de infantaria quando necessário. Para a invasão da África, dois batalhões foram destacados, o 70º e o 756º (ambos equipados com Stuarts).

**Tanque Leve M3** - O M3 foi um desenvolvimento do Tanque Leve M2A4, que não chegou a enfrentar os alemães, mas foi usado pelo USMC no início da Guerra do Pacífico. A produção do M3 começou em março de 1941 e ele estreou em combate em mãos inglesas. Um detalhe pouco conhecido do "Stuart" era que a sua torre não tinha uma plataforma giratória para o artilheiro, o que fazia com que o artilheiro e o carregador tivessem que movimentar-se junto com ela a pé, com a inevitável perda de tempo em mirar novamente o alvo, o que podia ser fatal na fluidez de

um combate de tanques. Assim, na maioria das vezes, o canhão era mantido apontado para a frente e quem girava era o tanque (atenção nisso, senhores plastimodelistas!). Os modelos M3 e M3A1 foram usados pelo US Army na Tunísia.



Tanque Leve M3A1 da 1ª Divisão Blindada, Tunísia, janeiro de 1943. Observe o uso das marcações regulamentares na cor branca, adotada no final de 1942. A ilustração omite o símbolo geométrico que identificaria a unidade a que este exemplar pertence.

**Tanque Leve M5** - Sucessor direto do M3, o M5 esteve na "Operação Torch" e na Campanha da Tunísia, mas a sua versão posterior, o M5A1, chegou à Tunísia muito tarde, sendo usado para reequipar a 2ª Divisão Blindada visando à invasão da Sicília. Os ingleses mantiveram o nome "Stuart" para ele.



M5 em ação durante a "Operação Torch". O modelo aqui ilustrado é o 16º tanque da Companhia "C" do 70º Batalhão de Tanques, 09/11/42. Observe as marcações americanas exageradas (incluindo uma bandeira dos EUA), usadas na esperança de convencer os franceses a não combater americanos.

**Tanque Médio M3** - Lançado em 1941, o M3 "Lee" era o principal tanque da 1ª Divisão Blindada americana quando esta desembarcou na África do Norte. Porém, eles foram derrotados pelos blindados alemães quando se enfrentaram na Tunísia, revelando toda a sua obsolescência.

Após a campanha da Tunísia, o M3 foi retirado de serviço de 1ª linha.



Este M3 mostra as marcas típicas da 1ª Divisão Blindada durante os primeiros embates na Tunísia: estrela e barra horizontal em torno da torre, ambas amarelas, o número de série na parte posterior do casco (U.S.A W-309508, em azul) e a identificação de unidade através de figuras geométricas pintadas na frente do casco (este tanque pertence à Companhia "D", 2º Batalhão, 13º Regimento Blindado, em ação na fronteira tunisina em novembro de 1942).

**Tanque Médio M4** - O famoso "Sherman" destacava-se pelo canhão de 75 mm montado numa torre giratória, coisa que os ingleses não tinham. O M4 entrou em produção no início de 1942 e logo equipou a 2ª Divisão Blindada. Após as desastrosas derrotas na fronteira tunisina, a 1ª Divisão Blindada também foi reequipada com o Sherman. O principal modelo empregado então era o M4A1, embora houvesse também algumas unidades do M4.



M4 da Companhia "F", 2º Batalhão, 1º Regimento, 1ª Divisão Blindada, Tunísia, fevereiro de 1943. As marcações são típicas, incluindo a barra em torno da torre e as figuras geométricas que identificam a Companhia "F" (a barra vertical e o ponto, na parte posterior da torre). O número do tanque (3) é pintado dentro da estrela e é repetido na lateral do casco, o que não era muito comum.

Esse tanque foi destruído no combate em Sidi bou Zid, a 14/02/43.

**Caça-Tanques M10** - Os americanos confiavam no seu conceito de veículos ligeiros bem armados como a melhor alternativa para enfrentar tanques inimigos. Mas havia um pequeno problema: eles ainda não tinham esse veículo! Ao se iniciar a Campanha da Tunísia, os batalhões de "Tank Destroyers" estavam equipados com o M3 (um canhão de 75 mm montado sobre um meia-lagarta M3) e o M6 (um insignificante canhão AT de 37 mm montado na traseira de um caminhão Dodge de 3/4t), ambos obviamente inadequados para o combate que os esperava. Porém, antes do fim da campanha, o 899º Batalhão foi equipado com o novo M10, um caça-tanques baseado no chassi do Sherman e equipado com um canhão anti-aéreo de 3 polegadas (convertido para a nova função). Usado pelos ingleses recebeu o nome "Wolverine".



Apesar de chegar tarde na campanha norte-africana, o M10 revelou-se bem-sucedido e rapidamente equipou os batalhões de "tank destroyers" que lutariam na Sicília e na Itália. Porém, o surgimento do Tiger e do Panther fizeram com que ele ficasse obsoleto, mas continuou em serviço até o fim da guerra.

**Canhão Autopropulsado M7** - Lançado em abril de 1942, o M7 era uma adaptação de um obuseiro de campanha de 105 mm ao chassi do "Lee". Teve seu batismo de fogo no 8º Exército britânico em fins de 1942, mas já na "Operação Torch" era a peça de artilharia padrão das divisões blindadas americanas, sendo usado até o fim da guerra.



Canhão Autopropulsado M7. Embora outros modelos fossem adotados pelos americanos, o M7 (e suas versões posteriores, usando o chassi do Sherman) foi o canhão de campanha autopropulsado padrão do US Army ao longo de toda a 2ª Guerra Mundial.

**Meia-Lagarta M3** - Os meia-lagartas americanos tiveram uma multiplicidade de versões e funções, incluindo o M3 de caça-tanques. Embora seu projeto date de meados dos anos 20, ele foi lançado em 1940 e revelou-se bastante eficiente por toda a duração do conflito. Os modelos capturados pelos alemães foram igualmente muito apreciados.



Embora o veículo aqui ilustrado tivesse a presunçosa designação "Gun Motor Carriage M3", ele de fato não passava de um meia-lagarta de transporte blindado de pessoal M3 com um canhão de 75 mm. Apesar disso atestar a versatilidade do meia-lagarta americano, na prática essa combinação não deu muito certo, tendo sofrido baixas pesadas combatendo os alemães. Esse veículo pertenceu ao 601º Batalhão de "Tank Destroyers", em ação na Tunísia na primavera de 1943. A cor é "Olive Drab" com camuflagem feita com lama.

**Pintura:** Todos os veículos do US Army usavam a mesma cor básica, o "Olive Drab". Essa tinta era fornecida às oficinas de campo como uma pasta, que era dissolvida com gasolina: quanto mais gasolina se colocasse na mistura, mais clara a tinta ficava. Portanto, é absolutamente inútil discutir qual é o "Olive Drab" "certo", como alguns plástimodelistas gostam de fazer.

Embora fossem emitidas instruções de camuflagem para algumas áreas específicas (como no Alasca, por exemplo), os veículos que lutaram na África do Norte não receberam nenhum tipo de pintura oficial de camuflagem. Devido a isso, os tripulantes dos tanques americanos decidiram improvisar com lama, da mesma forma que os alemães dois anos antes.

Ao ingressar na 2ª Guerra Mundial, o comando das forças blindadas dos EUA lançou uma série de normas para a identificação de seus veículos. As marcas seriam em Amarelo, com uma estrela amarela de 22 polegadas (55,9 cm) de diâmetro pintada nas laterais da torre. Essa estrela seria secundada por uma faixa amarela de 4 polegadas (10,2 cm) de largura ao redor da torre. A unidade de maior escalão a que o veículo pertencia seria pintada de "Olive Drab" nas estrelas pintadas nas superfícies verticais, mas não sobre o compartimento do motor. O Corpo-de-Exército seria representado em algarismos romanos e a divisão em algarismos arábicos. Essas identificações teriam

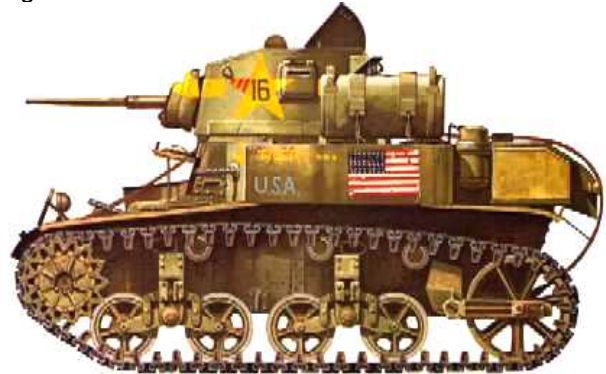
4 polegadas de altura. O veículo seria "batizado" com um nome cuja primeira letra corresponderia à sua Companhia (por exemplo, o "Eternity" pertencia à Companhia "E"). Unidades de reconhecimento usariam nomes começando com "R", os de manutenção com "M" ou "O", os de engenharia com "E", suprimento com "Q", etc. Contudo, a escassez de tinta amarela fez com que muitos veículos tivessem as marcações pintadas em branco. Em agosto de 1942, o branco foi padronizado, embora veículos pintados com amarelo embarcassem para a África do Norte (em ação, logo se observou que as marcações em amarelo eram facilmente obstruídas pela poeira predominante, sendo praticamente abandonado pelo final de 1942). Regulamentos posteriores alteraram o tamanho e o posicionamento das estrelas, mas como essas marcas eram pintadas nas oficinas de campanha ou depósitos, eles nem sempre foram respeitados.

Também em agosto de 1942, novas marcações de identificação foram adotadas, numa seqüência de letras e números, em três grupos: o 1º representava a GU (Grande Unidade, ou seja, Exército, Corpo-de-Exército ou Divisão) e era formado por um número (em algarismo romano em se tratando de Corpo-de-Exército, ou arábico, se Exército ou Divisão) e uma letra ou símbolo (um triângulo representava unidade blindada); o 2º representava a subunidade (tipo de regimento, brigada ou batalhão independente) e era formado por letras ou símbolos; o 3º representava a Companhia ou unidades menores e utilizava letras e números. Assim, por exemplo, a marcação "1Δ-81R-A-10" identificava o 10º veículo da Companhia "A" do 81º Batalhão de Reconhecimento da 1ª Divisão Blindada. Geralmente, os 1º e 2º grupos eram pintados à direita e o 3º grupo à esquerda do veículo. O regulamento também previa posições específicas para cada tipo de blindado. Também seria pintado um quadrado Amarelo de 8 polegadas (20,3 cm) de lado com o peso do veículo pintado de preto (para efeito de travessia de pontes).

Porém, a lentidão em emitir novos regulamentos à medida que novos veículos entravam em serviço e a autorização dada aos comandantes de unidades em zonas de guerra para retirar identificações que julgasse desnecessárias por razões de segurança, fez com que muitos dos regulamentos fossem ignorados pelas unidades fora dos EUA.

A 1ª Divisão Blindada, que participou da "Tocha" e dos combates na Tunísia, desembarcou com a maioria das marcações padrões, excetuando as identificações codificadas, que foram substituídas por um confuso padrão de figuras geométricas, e o número dentro da estrela não era o da divisão,

mas o do próprio tanque (o que faz muito sentido, pois a 1ª era a única divisão blindada americana na Tunísia!). Muitos veículos também receberam uma grande bandeira dos EUA pintada, na esperança de dissuadir os franceses de Vichy de abrir fogo.



Este M3A1 foi destruído na Tunísia no início de dezembro de 1942. Note o uso de tambores de combustível de 25 galões adaptados para transportar combustível de reserva. É um bom exemplo das marcações usadas pela 1ª Divisão Blindada americana durante a "Torch". Ele usa o símbolo geométrico da Companhia "C", 1º Batalhão, 1º Regimento Blindado no casco e nas laterais da torre (não é visível na ilustração devido ao tambor de combustível). O número do tanque (16) sugere que ele pertença ao 3º pelotão (normalmente, os veículos eram numerados de forma corrida pelos pelotões, 5 veículos por pelotão, sendo os dois primeiros do comando da Companhia). O número de série foi obliterado pela pintura de uma bandeira dos EUA na lateral do casco. Ele também usa duas marcações que não correspondem aos regulamentos: as três faixas vermelhas em uma das pontas da estrela (indicaria também 3º Pelotão?) e o nome pintado no casco, "Tiger", que não reflete a prática de usar um nome começando com a letra da companhia.

Em combate, os veículos passaram a ser camuflados com lama, na falta de tinta para isso, e a estrela de nacionalidade foi apagada, já que era um ótimo ponto de mira para os artilheiros inimigos (contrariando os regulamentos).

Todos os veículos americanos possuíam um número de série pintado nas laterais. Este número de início era acompanhado por um "U.S.A" e era também dividido em três grupos definidos: o 1º era uma letra, que definia a função do veículo (no caso dos tanques, a letra era o "W", de "Weapon" = Arma); ela era seguida de um número de dois algarismos, que definia o tipo do veículo (tanques eram representados pelo número "30"); e, finalmente, um número que identificava o veículo propriamente dito. Portanto, um veículo com o

número de série "W-309513" era o tanque Nº 9513 recebido pelo Exército. Após 1942, porém, o "W" foi descartado.

**Kits:** Para alegria geral da nação, existem muitos kits dos blindados americanos que participaram da guerra na África (embora não de todos). Os Tanques Leves M3 e M3A1 são produzidos pela Milicast na escala 1/76, pela Hasegawa em 1/72 e pela Academy em 1/35. A Revell, além disso, produz o M3 na escala 1/72, a Tamiya produz o mesmo tanque na escala 1/35, a Matchbox produz o M3A1 em 1/76 e a Verlinden abuse com um kit dele em 120 mm. Lamentavelmente, não encontrei nenhum kit do M5 (não confundir com o M5A1!). O Tanque Médio M3 ("Lee") é produzido na escala 1/76 pela Milicast, 1/72 pela Hasegawa e 1/35 pela Tamiya. O M4, como era de se esperar, é o que tem a maior variedade de modelos. O M4 é fornecido pela Hat (1/72) e pela Tamiya (escalas 1/35 e 1/16); o M4A1 é fabricado pela Fujimi e Milicast (1/76), Esci, Airfix, Revell e Italeri (1/72 - Cuidado! O kit da Italeri vem escrito M4 na caixa, mas é um M4A1!) e DML e Nichimo (1/35, sendo o kit da Nichimo o pior kit de tanque que eu já vi na minha vida!). A Accurate e a AFV Clube produzem o M10, ambos na escala 1/35, mas o primeiro é em resina. A Revell produz o M7 na escala 1/72, enquanto outros fabricantes produzem somente o M7B1, baseado no chassi do M4A3 (e, portanto, não nos interessa aqui). Os meia-lagartas americanos são produzidos pela Fujimi e Milicast (1/76), Airfix e Hasegawa (1/72) e Tamiya (1/35).

Como você já deve ter observado, outra potência também participou da Guerra no Deserto: a França. Tropas francesas já haviam lutado nas batalhas na Líbia, integrando as Forças Francesas Livres do General De Gaulle, mas eram equipadas pelos britânicos. A 1ère Compagnie de Chars de Combat (1ª Companhia de Carros de Combate) recebeu alguns Crusaders. A 342ª Companhia recuperou 12 Hotchkiss H-35, que foram usados na Síria, onde enfrentaram tanques idênticos dos 6º e 7º RCA (Regimentos de "Chasseurs d'Afrique" = Caçadores da África). A "Força L" do General Le Clerc recebeu alguns Stuarts, mas tiveram pequena atuação até chegarem na Tunísia. A maior participação ativa de blindados franceses na Guerra do Deserto foi durante o breve combate contra a "Torch". Algumas unidades equipadas com Somua S-35 e Renault R-35 e D1 engajaram tanques americanos, levando a pior, obviamente. Uma vez que os franceses "viraram a casaca" (de novo!), suas unidades foram temporariamente reequipadas com 62 Valentines, que foram usados para equipar os 2º, 4º e 5º RCA, mas não

foram usados em combate. O 12º RCA lutou na Tunísia equipado com Somua S-35. Visando a reestruturação do Exército Francês para auxiliar na libertação de sua Pátria, três divisões blindadas foram formadas com equipamento americano (um incidente curioso foi que os tripulantes dos Somua S-35 arrancaram as placas do fabricante francês e prenderam-nas nos seus novos Sherman M4A2, possivelmente com a intenção de se sentirem realmente em um tanque "francês"). Assim sendo, a participação da França na Guerra do Deserto foi irrelevante se comparada com as dos outros países citados nessa matéria, razão pela qual foi deixada de lado.



Somua S-35 do 12º RCA, África do Norte, 1942. Os franceses usavam um interessante sistema de identificação com naipes de cartas. O naipe indicava a *section* (pelotão) e a cor a companhia (azul era a 1ª Companhia, branco a 2ª e vermelho a 3ª). O naipe de espadas era o 1º pelotão, copas era o 2º, ouros o 3º e paus o 4º. A pintura básica é em Verde Oliva (*Vert Armé*), com manchas de Ocre (*Sable Foncé*) e Marrom Escuro (*Bois Foncé*).



Renault R-35 do 21º BCC (*Bataillon de Chars de Combat*), França, maio de 1940. A grande maioria dos blindados franceses era organizada em batalhões independentes, diferente dos alemães, que concentravam seus blindados nas Divisões Panzer. O exemplar aqui ilustrado apresenta duas características interessantes e também encontradas no deserto: o símbolo francês de círculos concêntricos (vermelho, branco e azul) e o emprego de uma linha preta fazendo a separação das cores.

**Kits:** Os veículos franceses não têm uma aceitação generalizada no mercado como os modelos de outros países. Porém, existem alguns fabricantes de kits deles, em particular a Heller francesa. Ela produz o Somua S35 nas escalas 1/72 e 1/35, o Hotchkiss H-35 e o Renault R-35, ambos na escala 1/35. Os dois modelos do tanque leve Hotchkiss (H-35 e 39) são produzidos pela Milicast (1/76), NRC (1/72, em resina) e SK-Models (1/35). A Cromwell produz o H-39 e o R-35, ambos na escala 1/76. A Milicast produz o R-35 na escala 1/76 e a Ironside produz o mesmo tanque na escala 1/35 (com a ressalva de que é um veículo a serviço do Exército alemão).

Note que as linhas de produção das fábricas de kits são dinâmicas, ou seja, estão sempre retirando e lançando produtos. Além disso, é possível encontrar kits fora de produção em estoques de muitas lojas. Portanto, o que foi dito acima é apenas uma orientação.